

CR

CAMPUS REPÓRTER

edição 3

OURO PRETO

*Três séculos de história e arte
ressurgem entre pincéis e andaimes*

ENTREVISTA

*Alice Ruiz, poeta da natureza,
da música e da alma humana*

CO-DEPENDÊNCIA

*No limite entre a culpa, a raiva,
a compaixão e a auto-piedade*

2008. O conceito de criação e cidadania norteia a formação dos mais de seiscentos alunos da Faculdade de Comunicação. Prova disso é a participação coletiva de seu novo currículo que, na construção pedagógica, busca o equilíbrio entre conceitos, teorias e práticas laboratoriais. Além do ensino, a pesquisa em comunicação, tanto nas habilitações da Graduação, como na pós-graduação, destacam-se por inúmeros prêmios. Os trabalhos recentemente premiados são a Revista Campus Repórter e o projeto experimental Entre Caminhos – A poesia é, apresentados na 15ª EXPOCOM.

1962. Criada a partir do projeto visionário de Pompeu de Souza, a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília segue, até hoje, as diretrizes por ele propostas: “Dedicar-se-á, pois, a Faculdade de Comunicação de Massas ao estudo e ensino das ciências, artes e técnicas concernentes a todos os veículos e instrumentos que, transmitindo informação, opinião, sugestão, recreação e arte, em escala industrial, intra-relacionem e inter-relacionem as massas humanas, recebendo e exercendo influências geradoras ou condicionadoras de estados-de-espírito coletivos das mesmas.”

A FAC também desenvolve projetos de extensão, que envolvem as áreas de rádio e jornalismo, em parceria com comunidades da periferia de Brasília.

Criar e reinventar a comunicação são palavras-chaves na construção de nossos alunos, professores e funcionários. Porque criar é construir o saber.

criar para construir

PROFESSORES ORIENTADORES

EDITORA EXECUTIVA: Márcia Marques
EDITORES: Dione Moura, Rosa Pecorelli e David Renault
EDITOR DE FOTOGRAFIA: Marcelo Feijó
EDITORA DE ARTE: Célia Matsunaga
DIRETOR DE MARKETING: Edmundo Brandão

ALUNOS

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Ana Elisa Santana
REPÓRTERES: Ana Elisa Santana, Bárbara Lins, Beatriz Olivon, Dayene Peixoto, Flávia Maia, Fernanda Carneiro, Galton Sé, Luana Lleras, Maisa Martino, Raquel Magalhães, Thaise Torres
SECRETÁRIO DE MARKETING: Valter Júnior
DIRETORES DE ARTE: Daniel Obregon, Igor de Sá, Naiara Rimoli, Rogério Truite
FOTÓGRAFOS: Addressa Anholet, Janine Moraes, Pedro Ladeira
ILUSTRADORES: Daniel Obregon, Igor de Sá, Rogério Truite
SUPORTE DE INFORMÁTICA: Pedro França
CAPA: Pedro Ladeira (foto)

COLABORADORES

José Luiz Silva, Luiz Martins

AGRADECIMENTOS

Al-Anon, Cláudia Regina Merçon, Eliana Mendonça Trindade, Erika Suzana Resende, Fátima Ramos, Fernanda Monteiro de Melo, Isabel Cristina Reis Praça, Isabel Vilela, José Cruz, Josenir Oliveira, Leandro Lima, Luiz Gonzaga Motta, Márcia Landini Totughi, Maria Fátima Sundback, Maria Terezinha da Silva, Paulo Henrique Ribeiro Mariano, Robson Borchio Napier, Sarah Pimenta, Secretaria de Turismo de Minas Gerais, Wilson Ricardo de Melo, Laboratório de Publicidade, Secretaria da FaC, Decanato de Assuntos Comunitários

Campus Repórter é uma publicação semestral, produzida por professores e alunos das disciplinas Laboratório Campus Repórter e Diagramação Campus Repórter. Faculdade de Comunicação/UnB—Ano 2, nº 3, 2008.
Endereço: Campus Darcy Ribeiro, Faculdade de Comunicação, ICC Ala Norte - Caixa Postal 04660
CEP 70910-9000 Brasília/DF
Telefone 61 3307 2461
www.fac.unb.br
reportercampus@gmail.com

IMPRESSÃO Athalaia Gráfica e Editora
TIRAGEM 4 mil exemplares

Faculdade de Comunicação/UnB
DIRETOR David Renault
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO Thaís de Mendonça Jorge
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAL E PUBLICIDADE
Selma Oliveira

EDITORIAL

Carta da editora

Esta edição da Campus Repórter representa a superação de muitos desafios. A cada semestre temos uma equipe diferente, com poucos remanescentes da edição anterior. Como manter o nível que nos rendeu dois prêmios — um regional e outro nacional — e ao mesmo tempo permitir aos novos alunos que experimentem as linguagens de texto e visual?

O primeiro passo foi manter uma relação íntima com a arte. Saramago foi nosso guia, com o *Ensaio sobre a Cegueira*, para a forma de tratamento das pessoas que não quiseram, ou não puderam, se identificar na reportagem sobre a questão da co-dependência química. Ao invés de inventar nomes, para quem ainda precisa da penumbra, demos aos personagens os qualificativos que lhes conferem identidade.

Buscamos nas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues o suporte para o entendimento do êxodo de nossos jogadores de futebol. A repórter Bárbara Lins viajou ao Qatar, no mundo árabe, cenário desta história, recheada de dólares, mas nem sempre de glórias. As leituras sobre a poesia japonesa, especialmente o haikai, concretismo e música foram o ponto de partida para a entrevista com a poeta Alice Ruiz.

Na reportagem de capa, sobre a restauração da igreja Santa Efigênia, em Ouro Preto, nossos jovens repórteres descobriram que cada camada de pintura de uma igreja, por exemplo, desnuda a história e também as lendas. E como tratar das duas coisas sem confundi-las?

Também vem de Minas Gerais a história da relação complicada entre a cidade de Juatuba e a indústria cervejeira que lhe garante renda, mas não necessariamente qualidade de vida. Vizinho à Esplanada dos Ministérios, o rio Urubu, que abriga em suas margens pessoas que buscam novas formas de ocupação da terra e de interação com o meio ambiente é o personagem central.

Os repórteres fotográficos participaram da edição em diálogo permanente com colegas e professores, em todas as etapas da produção, da pauta, à apuração e à edição. A equipe de diagramação decidiu por sorteio quem faria cada página e toda a linguagem visual foi decidida em conjunto. O resultado deste trabalho você pode conferir. Boa leitura.

Márcia Marques

Às Margens do Urubu



A Arte de Reviver a Arte



12

06

Brasilirão das Arábias



Capa

20



Em Busca da Serenidade

28

Entrevista



Fragmentos de Poesia

44



Meu Bem Meu Mal

36



Poesia

Jo

50

Brasileirão *das Árábias*

DURANTE MUITO TEMPO, JOGAR NA EUROPA FOI O SONHO DA MAIORIA DOS JOGADORES DE FUTEBOL BRASILEIROS, ATRAÍDOS POR UMA IRRESISTÍVEL COMBINAÇÃO DE ALTOS SALÁRIOS E QUALIDADE DE VIDA. NOS ÚLTIMOS ANOS, A MESMA FÓRMULA – QUE SÓ EM 2008 LEVOU 1152 CRAQUES PARA O EXTERIOR – ESTÁ MUDANDO A ROTA DO OURO PARA O MUNDO ÁRABE. AGORA, A BOLA DA VEZ É O QATAR, PENÍNSULA DE PLANÍCIES ÁRIDAS, COBERTA DE AREIA E DUNAS, AO LADO DA ARÁBIA SAUDITA.



O ex-protetorado britânico, famoso por sua riqueza em petróleo e gás, hoje se orgulha de participar de campeonatos mundiais. Aquele que antes dos anos 1940 era um país pobre e dependente da pesca e da pérola, ostenta um padrão de vida elevado e investe pesado em modernização. Um dos pilares da tentativa de colocar o país no

mapa das grandes nações é justamente o investimento em esportes.

Assim pensando, o emir Hamad Bin khalifa al-Thani – entidade máxima do país – não mede esforços. Muito menos dinheiro: contratar profissionais renomados e construir instalações ideais é seu novo *hobby*, principalmente quando se trata de futebol. Estima-se que seu governo gaste, em média, R\$ 200 milhões por ano. Grande parte desse dinheiro tem vindo parar nas redes brasileiras. Nos

últimos três anos, mais de 30 jogadores fizeram as malas e se mudaram para a península, número expressivo quando se considera que o país tem apenas dez times na primeira divisão. Na bagagem levam a difícil tarefa de melhorar a qualidade do futebol do Qatar, fazer com que os times locais sejam valorizados e dar visibilidade ao país. Apesar da bola também ser uma paixão por lá, os *qataris* se interessam muito pouco pelos times locais, o que prende sua atenção é o campeonato europeu: times como Barcelona, Milan, Chelsea ou Liverpool mantêm no emirado torcedores fiéis.

A aposta no futebol brasileiro está dando resultados. Na última temporada o ex-jogador do Cruzeiro, Araújo, se tornou artilheiro do campeonato nacional e com 26 gols bateu o recorde do argentino Batistuta (25). “Aqui eles oferecem um contrato bem melhor do que nos outros países. Além da questão financeira, temos a chance de conhecer uma nova cultura e levar uma vida mais tranquila”, explica, atualmente no Al Gharafa.



ARÁBIA SAUDITA

Quem joga no Qatar garante que as propostas são mesmo irrecusáveis. Para se ter uma idéia, os salários chegam a R\$ 2 milhões por ano, como é o caso de Emerson, ex-São Paulo. Mesmo assim, os brasileiros são unânimes em reafirmar que a qualidade de vida é fator determinante para morar no país, como garante Fernandão, campeão mundial pelo Internacional em 2006, companheiro de time de Araújo.

“Recebi outras ofertas, mas a qualidade de vida do Qatar pesou na escolha. A gente pode contar dinheiro na rua, sair de noite sem se preocupar, ir para os treinos sem pressão e ainda acompanhar o crescimento dos nossos filhos”, ele garante.

Estádio subterrâneo para fugir do calor

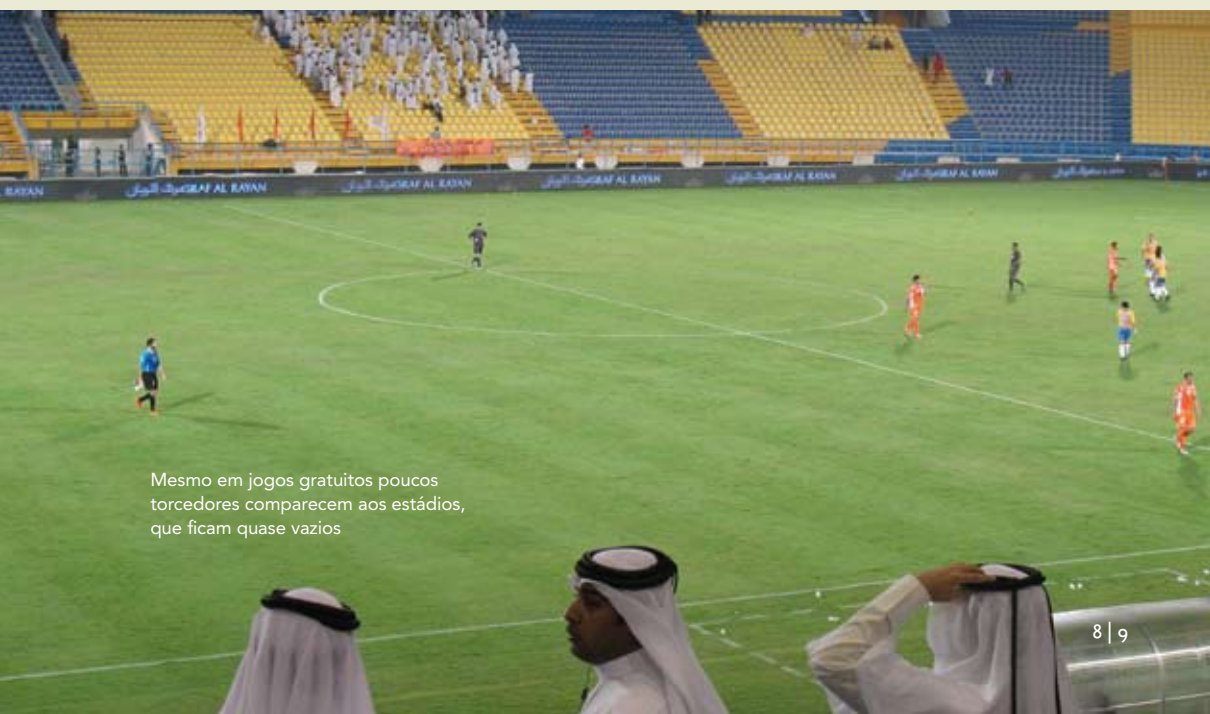
A “invasão” dos brasileiros em diferentes times tem contribuído para amenizar as diferenças e as saudades da terrinha. Há apenas quatro me-

ses no país, o ex-corinthiano Ricardinho se diz adaptado.

“Minha família gostou e, além disso, é fácil se acostumar aos treinos, já que a comissão técnica é toda brasileira. A gente já conhece o trabalho físico e tático, e sabe que traz resultados”, analisa o craque do Al Rayan.

De fato, o que mais pesa para quem se dispõe a morar no Qatar são as diferenças culturais e religiosas, sem falar no clima. A região é desértica, e no verão a temperatura alcança facilmente os 50 graus, atrasando os horários de treinos e jogos para depois que o sol se põe, quando o calor é um pouco menor. Se depender do emir, a questão será resolvida com a construção do primeiro estádio subterrâneo do mundo, já em andamento.

Mas o desafio não é menor quando se trata adaptar-se à religião muçulmana, que entre outras coisas proíbe a bebida alcoólica. Durante o mês sagrado, o Ramadã, também é proibido comer, beber ou ter relações sexuais



Mesmo em jogos gratuitos poucos torcedores comparecem aos estádios, que ficam quase vazios

do momento em que o sol nasce até o pôr do sol. Além de todos estes fatores, o esporte no país está em fase de profissionalização e representa mais um desafio: falta competitividade, preparo técnico e emocional aos atletas locais, e os estádios estão quase sempre vazios. Mesmo quando os jogos são gratuitos. Um problema que os dirigentes árabes tentam resolver, pagando pela participação da ínfima torcida presente aos estádios: cada torcedor recebe em média 50 *ryails* (cerca de R\$ 30,00, com o dólar a R\$ 2,20) para vibrar pelo seu time. Aceitar uma coisa assim certamente deixaria Nelson Rodrigues irritado com os jogadores brasileiros. Afinal, para o cronista o que mais importava num jogo era “a batalha vital de paixões e de tragédias que move a existência humana”. Parece que a falta de torcedores não afeta os nossos craques. Ao contrário, alguns li-

teralmente vestem a camiseta do país, como Marcone, ex-Marília (SP), no emirado há quatro anos, foi naturalizado *qatari* para jogar pela seleção nacional. “Sempre sonhei em jogar uma Copa do Mundo e sei que seria difícil no Brasil. Aqui jogo pela seleção e estamos muito bem nas eliminatórias”, orgulha-se, explicando que cumpriu a regra de residir no local há mais de dois anos e nunca ter jogado pela seleção brasileira. Os técnicos canarinhos também começam a ser importados, e já comandam seis dos dez times da primeira divisão. Nomes de peso como Paulo Autuori, Emerson Leão e Sebastião Lazaroni desembarcaram no Qatar junto com uma enorme comissão técnica. Com os estádios vazios, a “rivalidade” entre os técnicos e atletas brasileiros dentro dos campos é uma das poucas emoções. Eles se sentem dentro de uma espécie de “Brasileirão em miniatura”.

O MUNDO ÁRABE

Se estende pelo Oriente Médio e parte da África, compreendendo 22 países que reúnem cerca de 350 milhões de pessoas. O árabe é o idioma oficial ou nacional destes países, mas nem todos são muçumanos, seguidores do islamismo, religião do profeta Maomé: alguns árabes seguem até mesmo o cristianismo. Sua diversidade do mundo árabe abrange também as formas de governo. O Qatar, por exemplo, é um emirado situado no sudoeste da Ásia, e seu líder máximo é o emir, uma espécie de príncipe. O país é governado há 140 anos pelos membros da família Al-Thani: a última transição aconteceu em 1995, quando Hamad Bin Khalifa, atual governante, depôs seu pai. Depois da tomada do poder o emir vem colocando em prática uma série de ações para democratizar o Qatar. Entre outras coisas aboliu a censura, instituiu eleições municipais e estendeu o direito de voto às mulheres. Apesar de ser um país pequeno, cerca de duas vezes o tamanho do DF, o Qatar é um dos Estados mais ricos do mundo, em função da exploração de petróleo e gás natural.



Há casos de jogadores que não permanecem tanto tempo nos países árabes. Romualdo, ex-craque do Kalba (Emirados Árabes), é um deles. “Geralmente os contratos dizem que se você passar mais de 30 dias machucado, sem poder jogar, pode ter seu contrato cancelado”. Apesar de admirado pelo time e de ter conseguido cancelar esta cláusula, ele não ficou livre de ouvir um sonoro *Ma’as-salamah* – palavra árabe para o popular adeus – depois da segunda contusão.

Ex-jogador do Gama, Romualdo chegou a fazer história no futebol árabe. “O time ia mal das pernas, por isso me contrataram. Conseguimos uma boa reação. Dos 17 jogos, fiz 16 gols. O nosso futebol é o melhor do mundo e eles sabem disso. E gostam de nós porque não somos muito certinhos como os europeus”, explica.

Apesar do bom futebol, o brasileiro não completou mil e uma noites nos Emirados, e de volta ao Brasil garante que realizou um antigo sonho. “Queria jogar fora do país, porque a gente se sente completo, e consegui. Quando paramos de jogar e não temos outra profissão, somos obrigados a viver do que guardamos. Esse dinheiro realmente faz a diferença na minha aposentadoria”.

Sua história não é isolada. Somente este ano, 659 brasileiros que deixaram sua marca no futebol mundial regressaram ao Brasil. Des-

te total, 77 estavam no Oriente Médio e arrumaram as malas para voltar à pátria. Só os Emirados Árabes devolveram 18 jogadores. O Al-Wahda Sports Cultural Club, por exemplo, mandou seus dois representantes: Josiel da Rocha está de novo no Flamengo, e Leonardo Fabiano, no Palmeiras.

Iranildo percorreu o mesmo caminho de volta em 2007, depois de permanecer pouco tempo em terras árabes. Mas não por falta de aventuras. “A experiência não foi muito agradável por causa da cultura. Eles são muito rigorosos. Temos que fazer o que eles querem, o que a religião manda. A mulher não pode andar do jeito que quer. Minha mulher quase não saía. Um dia resolveu ir à rua sem a *burca* (veste feminina que cobre todo o corpo, incluindo o rosto e os olhos) e deu o maior problema. Quiseram até chamar a polícia”, desabafa.

O caso de jogadores como Iranildo não é apenas uma estatística, mas a prova de que nem tudo na vida é dinheiro. Bem humorado, ele se mostra satisfeito em ter retornado ao Brasileiro. “Recebi proposta pra jogar em Dubai, nos Emirados Árabes. Mesmo sendo um lugar bem menos rígido, tenho certeza que o Brasil é a escolha certa. Continuo aqui e feliz.” 

Reportagem e fotos por Bárbara Lins e Galton Sé

ÀS MARGENS DO URUBU

Comunidades reescrevem o mapa planejado para o Distrito Federal



AINDA NO ANO 1883, A VISÃO DE DOM BOSCO SOBRE
BRASÍLIA ANUNCIAVA: “ENTRE OS PARALELOS DE 15° E
20° HAVIA UMA DEPRESSÃO BASTANTE LARGA E COMPRIDA,
PARTINDO DE UM PONTO ONDE SE FORMAVA UM LAGO...
QUANDO VIEREM ESCAVAR AS MINAS OCULTAS, NO MEIO
DESTAS MONTANHAS, SURGIRÁ AQUI A TERRA PROMETIDA,
VERTENDO LEITE E MEL. SERÁ UMA RIQUEZA INCONCE-
BÍVEL...”. HOJE, MAIS DE UM SÉCULO DEPOIS, MUITOS
MORADORES DA CAPITAL PLANEJADA ABANDONAM AS
SUPERQUADRAS DA CIDADE PARA MORAREM PERTO DE UMA
NASCENTE. SÃO ESSES HABITANTES QUE FORMAM COMUNI-
DADE DO URUBU, REGIÃO DIVERSA QUE OCUPA A ÁREA AO
REDOR DAS MARGENS DO CÓRREGO DO URUBU.





em sete de agosto de 2002, Brasília registrou a menor umidade relativa registrada até então: 10%. Para os moradores da capital, o índice foi muito baixo, mas não inesperado. Mas, dentre esses moradores há um grupo que, há anos, descobriu uma maneira de viver longe da seca na Capital Federal.

A pouco mais de 20 minutos de carro do centro político do país, a Bacia do Córrego do Urubu possui cachoeiras, pequenas piscinas naturais e muito ambiente preservado. A região abriga sete grandes comunidades, com diferentes estratégias de ocupação, são elas: Taquari; Olhos d'água, São Sepi, Portal Araguaia, Ladeira, 1º trecho e Privê.

A área, de acordo com os próprios moradores, é habitada desde fins da década de cinquenta, mas passou por dois grandes booms populacionais: o primeiro em 1993 e outro quinze anos depois. Em 2008, a região recebeu o maior número de novos moradores de sua história. Ali, convive uma população estimada em 1.500 habitantes distribuídos em chácaras. A diversidade do local não é somente religiosa; segundo pesquisa recente, feita pela comunidade em parceria com o escritório brasileiro da organização World Wildlife Fund (WWF-Brasil), há também um grande abismo econômico e cultural. 39,42% da população da região têm nível superior completo, seguida por 15,06% que possui fundamental incompleto. 29,17% dos entrevistados não declarou renda e 16,99% informam que recebem até um salário mínimo. A maior parte da população da região, 35%, veio do Plano Piloto (região central de Brasília). E 1/4 da população da região é de servidores públicos.

Muitos moradores foram morar no Urubu em busca do contato com a natureza, como o fotógrafo José Filho, que se encantou com a região. “Vim porque aqui é muito bonito”, afirmou. Outros, foram pela proximidade com as suas religiões ou pela tranquilidade. Lá, encontram-se muitas pessoas que, em função de seu status econômico, poderiam habitar qualquer outra parte de Brasília, mas escolheram o local.

Morar perto de um córrego e do Plano Piloto, região central de Brasília, tem o seu preço. E não é barato. Os aluguéis na região ficam em torno de 500 reais men-



sais, mas as ruas não são asfaltadas e o esgoto não é recolhido pela Caesb (Companhia de Água e Esgoto de Brasília). O esgotamento sanitário é feito por fossas sépticas e a água vem de minas. Até o momento, segundo a Caesb, não foi identificado nenhum prejuízo para o Lago Paranoá. Na região do Urubu, 44,87% da população usa fossa comum e a água vem de minas. A Caesb, apesar de não fazer o monitoramento por considerar que o córrego é um corpo d'água com vazão muito pequena, informa a água do Urubu é limpa. A qualidade da água é atestada na coleta feita por Beto Techmeier, autorizado pelo WWF-Brasil para fazê-la. Na 7ª edição da coleta, no final de outubro deste ano, cinco pessoas da comunidade participaram e o teste indicou que a água estava limpa, um resultado positivo.

PRESERVAÇÃO ILEGAL

A opção de comprar um terreno em uma área de habitação ilegal, sabendo que é uma área de preservação e que, logo, é ilegal habitar o local tem seus motivos. Da comunidade chega-se rapidamente à Praça dos Três Poderes, mas se chega mais rápido ainda a uma cachoeira. Mas isso se o portão não estiver fechado. A cachoeira da região fica em uma 'propriedade privada' como diz a placa na porta que, geralmente, está aberta.

Como em todo 'bairro' há reclamações entre vizinhos. Mas nesse caso, as reclamações também têm o viés da preocupação com o meio ambiente. E também há solidariedade com um inimigo maior na época de seca em Brasília: os das queimadas. Os moradores criam mecanismos e organizam pequenas brigadas para apagar o fogo que, eventualmente, atinge parte da mata.



A área de preservação é da Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap) logo, não pode ser vendida.

Cachoeira no quinta de casa é uma realidade no Córrego do Urubu.

MOVIMENTO SALVE O URUBU

Por meio de diversas atividades, o movimento tenta mobilizar a comunidade sobre os problemas ambientais da região. Contudo, apesar de muitas tentativas ainda não há intensa participação da comunidade. José Roberto Furquim, atual presidente do Salve o Urubu, está no movimento há 15 anos e explica que o projeto é resultado de duas décadas de trabalhos desenvolvidos na região. “O Salve o Urubu é remanescente de movimentos da região e voltou há um ano e meio, dois”, contextualiza. Ele afirma que, durante o período, o movimento não parou, apenas algumas de suas frentes.

Furquim explica que a regularização almejada “não é uma regularização como a dos condomínios”, o grupo do Urubu pleiteia o ‘direito real de uso’ (DRU), que seria um tipo de parceria na qual o governo entra com a terra e o morador se compromete a cumprir os critérios de preservação da área. Pela proposta, o morador fica 30 anos com direito a mais 15, depois a pessoa entrega para o governo a terra



com as melhorias que fez nela, afirma Furquim. A área de preservação é da Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap) logo, não pode ser vendida. As comunidades são irregulares, mas o Estado não vigiou a ocupação, então, os moradores da região buscam modelos alternativos.

Em busca da ocupação sustentável, uma das ações recentes do *Movimento Salve o Urubu* foi inscrever um projeto no Petrobrás Ambiental. O projeto tem como objetivo mobilizar e educar a sociedade, expandir as técnicas de manejo do fogo, trabalhar a recuperação das nascentes e promover a separação das águas vindas das pias, chuveiros e tanques, as chamadas águas cinzas, das águas negras, vindas dos vasos sanitários. A separação das águas, por exemplo, já é feita por algumas chácaras da região.



CHÁCARA URUBU

Furquim foi para a região com mais sete pessoas quando lá comprou uma área de 230.800 m². A área havia sido ocupada por um engenheiro, na época da construção de Brasília. O engenheiro construiu sua casa e a área ocupada por ele foi sendo vendida, apesar de pertencer à Terracap e não ao morador. Todos os compradores que se seguiram eram irregulares. Os atuais moradores, os últimos que compraram a área, querem obter o direito real de uso. Da área comprada, apenas 2,16% (equivalente a 5 mil m) pode ser utilizada. O restante deve ser preservado. O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) defende que a região continue sendo uma área ambiental.

CHAMADO DA NATUREZA — SANTO DAIME

Acima do Córrego do Urubu, a Chácara Céu do Planalto abriga, desde 1993, a Igreja do Santo Daime. O terreno foi comprado de um posseiro e lentamente foi sendo ocupado pelos seguidores da Igreja. Na época, três seguidores fixaram moradia na região, hoje a religião já atraiu nove casas no próprio terreno da Igreja e dez casas em uma chácara ao lado da Céu do Planalto. Todos os domingos, cerca de 20 pessoas participam das orações promovidas pela Igreja. Em dias festivos, o número de participantes chega a 200, segundo Fernando La Roque, que orienta os trabalhos e foi o fundador da Céu do Planalto.

Antes de chegar à região do Urubu, a Igreja do Santo Daime, que existe na região norte do Brasil desde as primeiras décadas do século XX, já realizava encontros há mais de dez anos nas proximidades do DF, em uma chácara próxima à cidade mineira de Unai (Minas Gerais). A mudança de localidade ocorreu devido à proximidade da



‘ladeira do daime’ com o Plano Piloto e à presença da natureza, segundo La Roque.

Para a religião do Santo Daime, a integração com a natureza é uma necessidade. É uma religião muito ligada à floresta, que tem a proposta de uma vida comunitária. La Roque conta que, logo que a Igreja se mudou para a ‘ladeira do Daime’, como a região é conhecida hoje em dia, o acesso era difícil e havia muita violência: “não conheço uma pessoa que more ali que nunca tenha sido assaltada”. Ele afirmou que com a ocupação no Taquari a violência diminuiu, mas ainda é presente na região.

Segundo La Roque, todos os moradores do Urubu e a comunidade do Daime se uniram em torno de uma causa comum: O combate aos grileiros. “Todo mundo sofreu uma ameaça comum”, afirmou La Roque referindo-se ao conflito com grileiros. “Se duvidasse, queriam nossa chácara também”, afirma. O grupo também busca a DRU, como os outros moradores e Fernando La Roque afirmou preferir não transformem em uma área imobiliária, que não vendam lotes, porque é uma área de preservação de encosta, e porque a igreja não teria condições de segurar o lugar em que está se houvesse empreendimento imobiliário.



Dona Joana do terreiro
Logun Edé: zelar pelas
águas e florestas a pedido
dos orixás.



A CASA DE LOGUN EDÉ

“Defuma com as ervas da Jurema
Defuma com arruda e guiné
Defuma com as ervas da Jurema
Defuma com arruda e guiné.
Benjoim, alecrim e alfazema
Vamos defumar filhos de fé”
(Canto “Defuma com as Ervas de Jurema”)

É pedindo proteção aos orixás que Dona Joana começa os trabalhos no terreiro de Logun Edé. Os filhos-de-santo e convidados esperam a chegada dos boiadeiros, caboclos, pretas velhas e erês que logo chegarão para participar da cerimônia. O som dos atabaques, as roupas brancas e o cheirinho de alfazema combinam com o clima de harmonia do lugar.

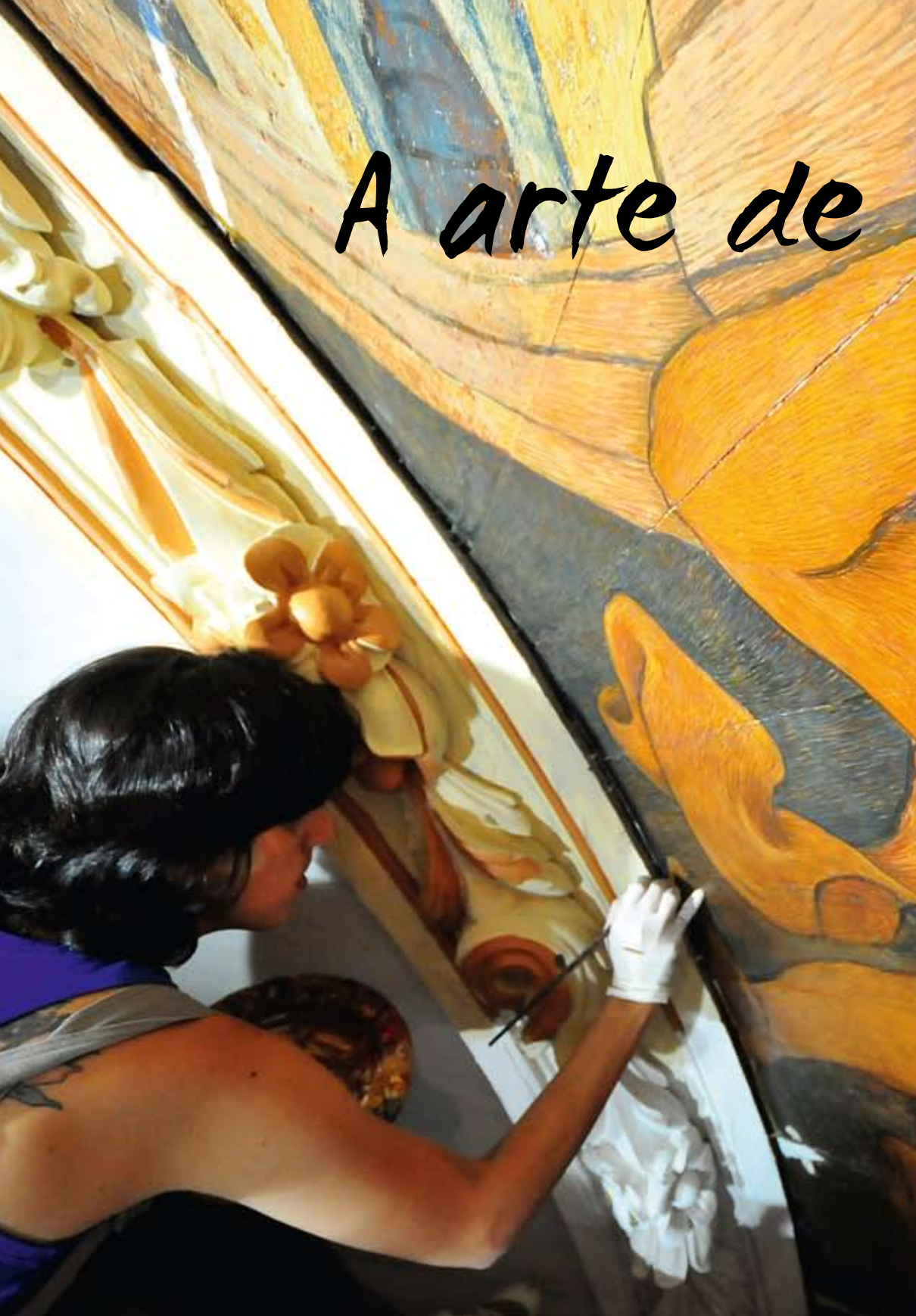
O terreiro, que fica às margens do córrego do Urubu, é rodeado por pitangueiras, pés de jaca, mangueiras e frutas típicas do cerrado. Na casa da Dona Joana é assim: reza, oração e muita natureza. A mãe-de-santo não é somente a mais antiga moradora das margens do córrego do Urubu. É do quintal dela que brotam as águas de um dos afluentes do Urubu. A conservação da nascente é uma grande preocupação da moradora, e, por isso, o Instituto Brasília Ambiental (Ibram) concedeu a ela o título de madrinha da mina por meio do *Programa Adote uma Nascente*.

A espiritualidade foi uma das causas que levou Dona Joana a se mudar para a região do Urubu, há 31 anos. “Então os orixás acharam que um lugar desses poderia ser uma coisa melhor. Um lugar pra preservar, rodeado de florestas, zelar pelas águas. A parte que eu tinha que fazer era essa aí. Eu to aqui esse tempo todinho zelando pela floresta”, explica a mãe-de-santo.



Por Beatriz Olivon e Maisa Martino
Fotos Janine Moraes e Andressa Anholete

A arte de





restaurar a arte

QUASE TRÊS SÉCULOS DEPOIS DE SUA CONSTRUÇÃO, A IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA, EM OURO PRETO, MINAS GERAIS, PASSA PELA MAIOR RESTAURAÇÃO DE SUA HISTÓRIA. BISTURIS, PINCÊIS E SOLVENTES RESGATAM A LENDÁRIA HISTÓRIA DA IGREJA QUE TERIA SIDO CONSTRUÍDA PELO ESCRAVO LIBERTO CHICO REI A PEDIDO DE SANTA EFIGÊNIA, PRINCESA DA NÚBIA, HOJE NAMÍBIA, ÁFRICA. ENQUANTO SEGUE A RESTAURAÇÃO, CIRCULA PELAS RUAS DE OURO PRETO O TAXISTA E ESTUDANTE DE PEDAGOGIA QUE HOJE ATUA COMO CHICO REI NA CONGADA DA CIDADE.



no de 1733. A então Vila Rica é capital da província das Minas Gerais. No auge da produção aurífera, paulistas e portugueses acorrem em busca de ouro. Negros escravizados trazem consigo as marcas da exploração e a saudade do continente africano. O ouro e a cor da pele distinguem ricos e pobres, brancos e pretos. Cada qual com a sua Igreja, sua irmandade: 13 igrejas e nove capelas para cerca de 30.000 habitantes. A população de negros é três vezes maior que a de brancos.

Nesse ano, o pedreiro Antônio Coelho da Fonseca ganha o primeiro pagamento para a construção da obra da Igreja de Santa Efigênia dos Pretos. Ao lado de Antônio, trabalha Manuel Francisco Lisboa como mestre de obra e imaginário, função equivalente ao arquiteto de hoje. Manuel Rebelo e Souza é o pintor. Felipe Vieira esculpe e entalha. Jerônimo Félix Teixeira entalha. Começa a nascer a igreja que, por mais de um século, seria frequentada só por negros.

Ano de 2008. Vila Rica é Ouro Preto. Morros e minas abertas nos pés das montanhas traduzem a cidade; casas históricas e o calçamento de pedra desafiam o tempo. A mineração continua como fonte de renda, agora com o reforço do turismo. O catolicismo continua sendo a religião da maioria dos 66.000 habitantes. Desses, 11,78% se declaram pretos, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Passados quase três séculos, a Igreja de Santa Efigênia dos Pretos clamava por reformas: o teto ameaçava cair, as obras de arte eram devoradas por cupins e a pintura se perdia. A verba da reforma veio ano passado, graças à ação da comunidade local. Durante uma visita a Ouro Preto do então ministro da Cultura, Gilberto Gil, a

população fez uma faixa pedindo a restauração de modo a sensibilizá-lo, já que é ativista da causa negra.

“Até então, a Igreja só tinha tido intervenções pontuais”, comenta Vanessa Braide, arquiteta responsável pelo projeto. Está em pleno vapor o trabalho que Luzia Pietro de Alcântara, restauradora há 25 anos, mais gosta de fazer: desco-



A Igreja de Santa Efigênia passa pela maior restauração de sua história. O teto ameaçava cair e os cupins atacavam as obras talhadas em madeira

brir cores e formas escondidas na poeira e na cera acumulada por séculos. Quando a equipe da *Campus Repórter* chegou à Igreja, Luzia trabalhava na pintura do teto: “Passo horas fazendo carinho na madeira, a obra-de-arte gosta de ser acariciada. Esfrego o solvente até diluir a cera, o cheiro é forte, mas a recompensa é imensa quando encontramos um rostinho como o desse anjinho, venham ver!”.

Mayra Tavez, também restauradora, celebra. Afinal, encontraram uma pintura inédita na igreja: um desenho de anjos e flores que deveriam ficar ao redor de Santa Efigênia antes da construção do camarim. Enquanto escuta música e preenche com massa espaços na madeira antiga, Mayra conta que os turistas ficam ressentidos pelas obras em andamento. “Querem que haja visita mesmo com a Igreja em obras, como não é possível, reclamam”, afirma.



Andaimes, pincéis, solventes, tintas, talhas e anjos de madeira. Saem padres e fiéis, entram marceneiros, arquitetas, restauradoras e mestre-de-obra. “O melhor restaurador é aquele que seu trabalho é o mais invisível. Jamais o restauro pode sobressair à obra do artista”, declara Carolina Narde, coordenadora da restauração de elementos artísticos da Igreja de Santa Efigênia.

O biólogo Norivaldo dos Anjos fez o inédito plano para a descupinização da igreja. São mais de seis espécies de xilófagos em Santa Efigênia. “Pela primeira vez vai haver um traba-

lho não só de extermínio dos cupins, mas também de prevenção”, comenta José Augusto da Silva, engenheiro responsável pela obra.

ANJOS BRANCOS, PAPA NEGRO

Um papa negro pintado no teto. Conchas, búzios, palmas e camarões adornam a talha dos altares. Anjos pretos. Cobertos de poeira? Sim. “Quando começamos a remover a cera dos anjos, percebemos que eles eram rosadinhos e não negros como diziam!”, conta a restauradora Carolina Narde.

Não há consenso sobre quais as reais heranças negras da Igreja de Santa Efigênia. A Igreja pertence à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Negros Forros e foi fundada em 1721. Em pleno período escravagista, brancos e negros participavam de irmandades e de igrejas diferentes. “O principal objetivo das irmandades era a sociabilização. No caso dos Negros Forros, criar vínculos entre escravos vindos de várias partes da África. Isso contribuía para a aculturação”, explica Marcos Aguiar, pesquisador da história mineira.

Faz quatro anos que o regimento da irmandade mudou e entre as principais mudanças está o fim da admissão por cor. Isto possibilita que Oswaldo Teixeira, que não é negro, trabalhe na irmandade. Oswaldo mostra no altar-mor e nos laterais elementos do mar, típicos do candomblé, “Temos até a coroa de Iemanjá!”, ressalta. Já para a historiadora Simone Monteiro, do Instituto Nacio-



As restauradoras têm um ano para resgatar os elementos originais da Igreja. No século XVIII, a construção demorou 50 anos

nal do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), os elementos da Santa Efigênia fazem parte do repertório do barroco mineiro: “os búzios, por exemplo, representam Maria e não figuras do candomblé”. Aquecendo o debate, José Raimundo dos Santos, conhecido como Seu Zezinho, vice-presidente da Irmandade, afirma que existem elementos negros na Igreja, porém, não teriam sido feitos por artistas negros. “Os negros só cuidavam da alvenaria, quem talhava eram os artistas portugueses, eles

esco-
lheram os símbolos”, diz.

O próprio papa negro no teto vem salientar a idéia do negro no poder da Igreja, afirma o pesquisador Marcos Aguiar. “Era preciso que o negro se enxergasse naquela religião (católica)”, diz. Assim, no caso da igreja, temos as imagens de Santa Efigênia, São Elesbão e São Benedito, todas de santos negros.

O TEATRO SAGRADO

Altars vazios. Todas as imagens da Igreja, entre eles as de Santa Efigênia, São Elesbão e São Benedito permanecerão guardadas na capela de Antônio Dias até o fim do restauro. O dourado e o branco, cores características do estilo Dom João V, se perdem no meio de andaimes, lonas e pó. Os anjos permanecem e protegem a igreja: se estavam no mesmo arco, estão separados para serem remontados e repintados.

A arquitetura das igrejas barrocas cria o *teatrum sacrum* - um interior iluminado e adornado busca levar o fiel a se sentir o mais próximo possível da idéia de para-

íso celeste. “O barroco é a arte de contato com Deus”, comenta o padre José Feliciano Simões, diretor do Museu de Arte Sacra de Ouro Preto.

O barroco das igrejas mineiras é singular: na Europa, o barroco utilizou o mármore; em Minas Gerais, predominou a pedra-sabão e a madeira. O artista também teve maior autonomia em relação ao padrão europeu e, inclusive, contou com escultores negros na produção dos ornamentos. “O barroco mineiro é mais espontâneo”, comenta o semina-
rista

Paulo

Henrique, da Arquidiocese de Mariana.

MEMÓRIA VIVA DE CHICO REI

“São 43 degraus até chegar à Igreja, cada degrau simboliza um escravo que Chico Rei alforriou”, afirma Oswaldo Teixeira, funcionário da Irmandade. “Os escravos se reuniam em noite de luar para falar de seu sofrimento, sonhar com a liberdade, pensar em fugas... até que um dia apareceu a Santa Efigênia, que era africana também, pedindo para eles arrumarem um líder e construir uma igreja para os pretos”, conta o vice-juiz da Irmandade, Seu Zezinho.

“Na proa do navio, Chico Rei prometeu: serei rei na minha terra, serei rei aonde quer que eu chegar”, narra Dona Maria Bárbara, de 92 anos, moradora da casa onde se localiza a lendária mina de Chico Rei. “Sabe o que Chico Rei fazia? Falava para as escravas levar o ouro das minas nos lenços que elas usavam na cabeça para ajudar a construir a Igreja”, afirma José Donato, sacristão há mais de 30 anos.

A existência de Chico Rei e de sua par-



Valor da Obra

R\$ 1.565.549
valor orçado
para a obra

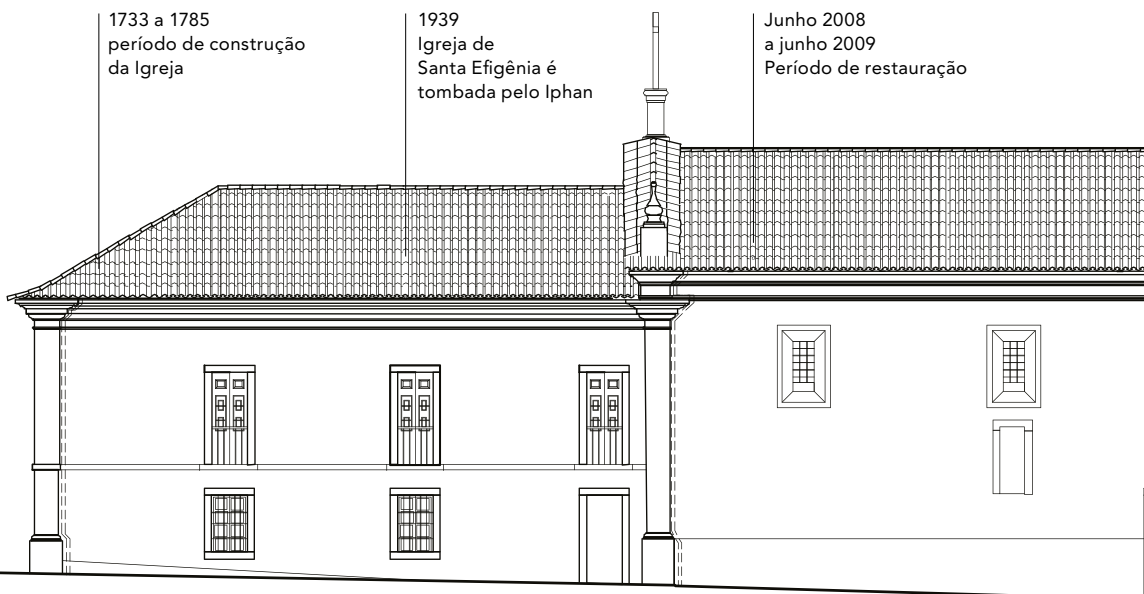
93% da verba
(R\$ 1.455.960)
vem do BNDES por
meio da Lei Rouanet

Visão frontal e lateral
da Igreja de Santa
Efigênia dos Pretos

1733 a 1785
período de construção
da Igreja

1939
Igreja de
Santa Efigênia é
tombada pelo Iphan

Junho 2008
a junho 2009
Período de restauração



ticipação na construção da Igreja de Santa Efigênia é memória viva na história oral do ouro-pretano e não há documentos escritos a respeito. Para a historiadora da Universidade de Brasília, Cléria Botelho, essa ausência de provas materiais reflete bem a história do negro no país, “houve a intenção de branqueamento da história no Brasil”, explica.

Pela tradição oral, Chico Rei era Galanga Muzinga, rei de uma tribo no Congo que foi aprisionada por portugueses para servirem de escravos no Brasil. Assim que aportaram no Rio de Janeiro, todos os escravos foram batizados com o nome de Francisco porque a corte portuguesa não aceitava a entrada de pagãos na colônia.

“Não há documento histórico falando da existência específica de Chico Rei. Mas temos documentos da Irmandade que provam que a receita

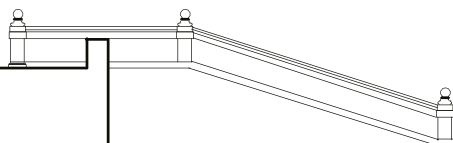
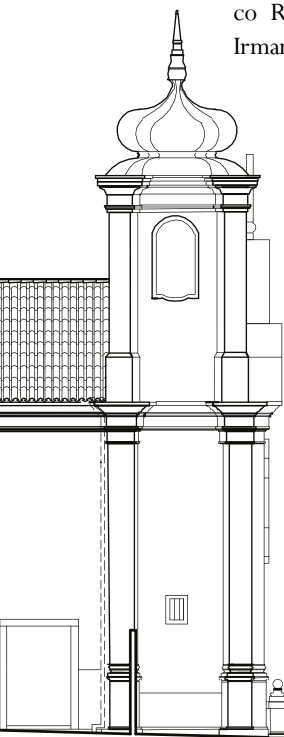
para a construção da Igreja veio de doações de fiéis, da mensalidade paga à Irmandade e dos serviços mortuários”, afirma o pesquisador Marcos Aguiar.

Para o historiador e coordenador do Museu de Arte Sacra, Carlos Oliveira, mais conhecido como Caju, não houve um Chico Rei, mas sim, vários chicos-reis: reis do congado que cuidavam da Irmandade e iam construindo a Igreja ao longo dos anos. “Jamais um escravo teria condição financeira de construir uma igreja desse porte.” Caju afirma ainda que a Irmandade dos Negros Forros foi um mecanismo criado para a manutenção do regime escravagista, “com a Irmandade, você organiza um jurídico e controla compra, venda, fuga e tráfico de escravo”, diz.

Ainda que com opiniões divergentes sobre a história de Chico Rei, ele permanece presente na festa do Congado de Ouro Preto, celebrada em 21 de setembro. Taxista e estudante de pedagogia, Rodrigo Alvarenga, de 23 anos, segue os passos do pai e do avô e há dois anos representa o personagem Chico Rei na Congada, “Quero me formar para poder ajudar mais esse povo com relação ao que é ser negro, que é muito difícil... Muita discriminação!”, comenta o Chico Rei do século XXI. 

Por Flávia Maia e Raquel Magalhães

Fotos Pedro Ladeira



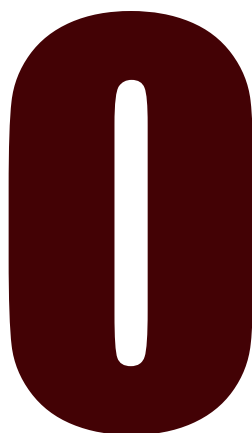
EM BUSCA DA SERENIDADE

A vida dos familiares de alcoólicos

Eles perdem o controle, transformam-se em pessoas violentas, provocam acidentes ou se tornam apáticos. Ficam irresponsáveis, não têm hora para chegar a casa, perdem o emprego. É um quadro corriqueiro em quase todo o mundo e muitas famílias brasileiras não escapam desta sina. O consumo do álcool deixa de ser uma opção e passa a ser uma necessidade física e psíquica, destruindo a saúde do dependente e desorganizando sua vida. Desde 1967, o alcoolismo foi reconhecido como uma doença progressiva e crônica pela Organização Mundial de Saúde. O que pouco se sabe é que seus efeitos extrapolam em muito os estragos provocados no organismo dos dependentes.

É comum familiares de alcoólicos perceberem, aos poucos, que também estão adoecendo, com comportamentos compulsivos de controlar e cuidar dos dependentes, em

sentimentos que variam de culpa, compaixão, raiva e auto-piedade. Eles são os co-dependentes, acompanham de perto o ciclo embriaguez e sobriedade de seus alcoólicos. Esta reportagem mostra histórias dessas pessoas, de diferentes classes sociais e culturas, que se somam às famílias de 500 milhões de dependentes de álcool no mundo. No Brasil, são mais de cinco milhões e, para cada um, geralmente há pelo menos um familiar que tem sua vida girando em torno do doente. Na tentativa de ajudar seus alcoólicos, muitas famílias correm atrás de sua própria serenidade e deixam de lado o papel de facilitadores da dependência. São pessoas que frequentam grupos de apoio mútuo como o do Hospital Universitário de Brasília (HUB) e a associação Al-Anon. Nesta reportagem, alguns não se incomodam em aparecer com nome e endereço, outros preferem o anonimato.



COMEÇO DA DEPENDÊNCIA

“Nós ficamos doentes às vezes mais que os próprios dependentes. A gente passa a viver a vida deles e nos deixa como esposa, mãe. Esquece da própria vida”, desabafa a *comerciária aposentada*, casada há 35 anos com um alcoólico que nega a doença. Ela percebeu que estava ficando agressiva: “essa coisa da bebida dele estava passando para mim”. Em seu livro “Co-dependência nunca mais”, a jornalista norte-americana Melody Beattie define co-dependente como uma pessoa que deixa o comportamento de outra afetá-la e é obcecada em controlar esse comportamento.

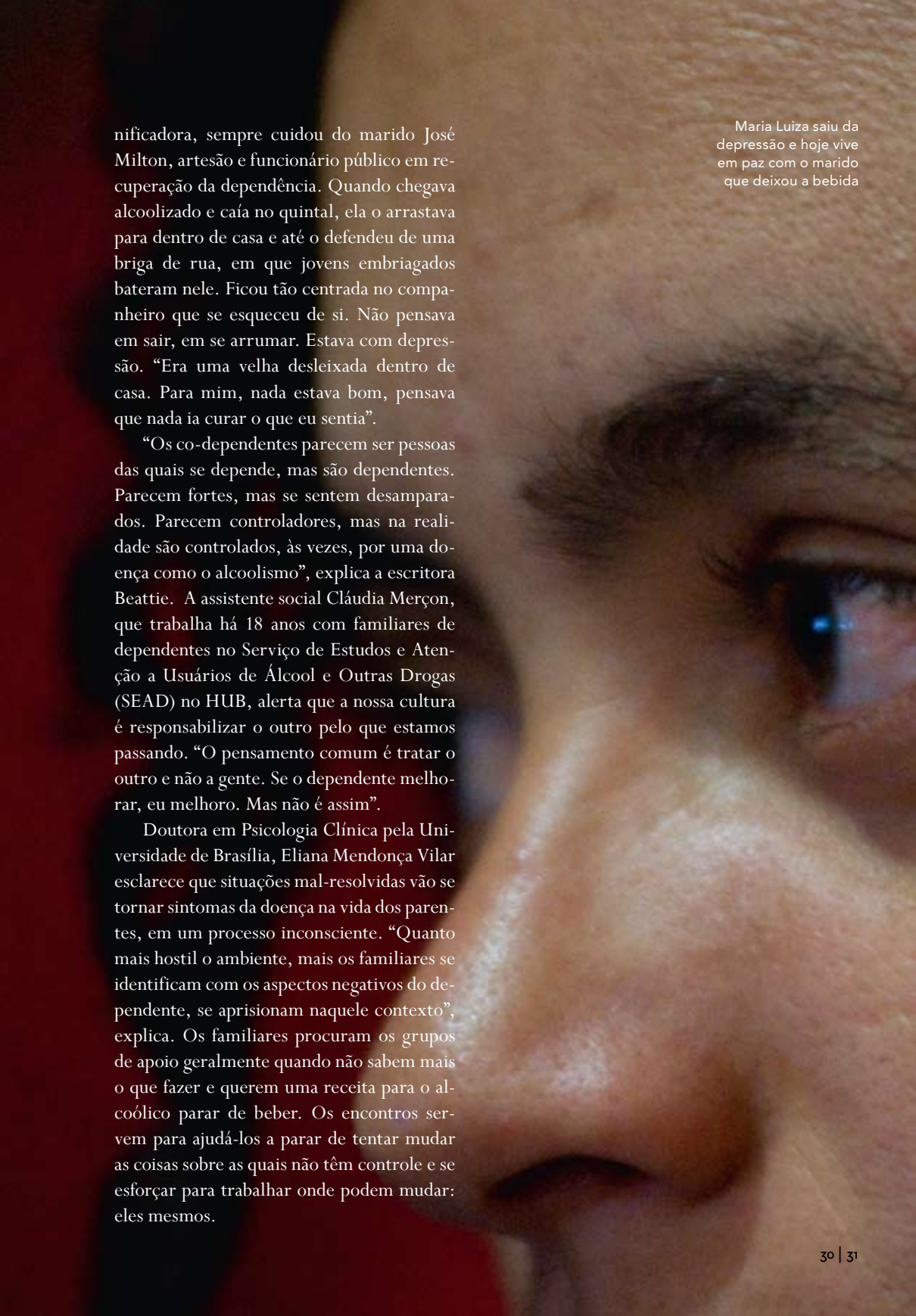
Foi assim com a *dona-de-casa*, que vivia em função do seu ex-marido. “A hora que sai e chega, se pagou as contas, foi trabalhar, o que está fazendo. A vida era uma bagunça.” Ela e os filhos ligavam para hospitais e não dormiam enquanto ele não chegasse. Retornava apenas na outra manhã, estacionava o carro, muitas vezes batido, como se nada tivesse acontecido. Essa situação ilustra que os familiares têm uma dependência de vínculo com os alcoólicos.

Além da consequência do abandono da família, o uso de bebidas tem uma relação direta com a agressividade, situação vivenciada pela *servidora pública*. Uma noite, depois de perder o emprego, o marido chegou em casa embriagado, pegou um fa-

cão e ameaçou ela e as filhas, na época com sete e dez anos: ‘Agora vou matar vocês três e morrer’. “Ele chegou nessa loucura. Eu e as meninas só chorávamos”, recorda. Ele acabou dormindo perto da porta e no dia seguinte não se lembrava de nada, resultado do apagamento, sintoma comum no alcoolismo. Efeitos típicos do vício como a raiva, a obsessão, a ansiedade, o sentimento de culpa e a negação não se restringem aos alcoólatras.

“Eu ficava igual bêbada! Fiquei super-estressada, desesperada. Fiz coisas que não era para fazer”, conta a *diarista* Maria José Rodrigues, 57 anos, sobre um dia em 2005, em que ferveu água e jogou no rosto do companheiro com quem vive há 18 anos, Manoel, mais uma vez embriagado. “Ele quebrava as coisas dentro de casa, queria me agredir fisicamente, rasgava as contas. Foi a gota d’água! Perdi o controle.” O escritor de 65 anos, pai de um alcoólico e um viciado em cocaína, hoje recuperados da dependência, revela que a família não queria acreditar que havia o problema. “A mãe achava que o filho estava sendo sem-vergonha, como se ele tivesse controle sobre aquilo. E eu achava que tinha que me impor. Estava desesperado, vendo meu filho ir para o fundo do poço”.

Maria Luiza de Oliveira, 36 anos, *balconista* de uma pa-



nificadora, sempre cuidou do marido José Milton, artesão e funcionário público em recuperação da dependência. Quando chegava alcoolizado e caía no quintal, ela o arrastava para dentro de casa e até o defendeu de uma briga de rua, em que jovens embriagados bateram nele. Ficou tão centrada no companheiro que se esqueceu de si. Não pensava em sair, em se arrumar. Estava com depressão. “Era uma velha desleixada dentro de casa. Para mim, nada estava bom, pensava que nada ia curar o que eu sentia”.

“Os co-dependentes parecem ser pessoas das quais se depende, mas são dependentes. Parecem fortes, mas se sentem desamparados. Parecem controladores, mas na realidade são controlados, às vezes, por uma doença como o alcoolismo”, explica a escritora Beattie. A assistente social Cláudia Merçon, que trabalha há 18 anos com familiares de dependentes no Serviço de Estudos e Atenção a Usuários de Álcool e Outras Drogas (SEAD) no HUB, alerta que a nossa cultura é responsabilizar o outro pelo que estamos passando. “O pensamento comum é tratar o outro e não a gente. Se o dependente melhorar, eu melhoro. Mas não é assim”.

Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília, Eliana Mendonça Vilar esclarece que situações mal-resolvidas vão se tornar sintomas da doença na vida dos parentes, em um processo inconsciente. “Quanto mais hostil o ambiente, mais os familiares se identificam com os aspectos negativos do dependente, se aprisionam naquele contexto”, explica. Os familiares procuram os grupos de apoio geralmente quando não sabem mais o que fazer e querem uma receita para o alcohólico parar de beber. Os encontros servem para ajudá-los a parar de tentar mudar as coisas sobre as quais não têm controle e se esforçar para trabalhar onde podem mudar: eles mesmos.

Maria Luiza saiu da depressão e hoje vive em paz com o marido que deixou a bebida



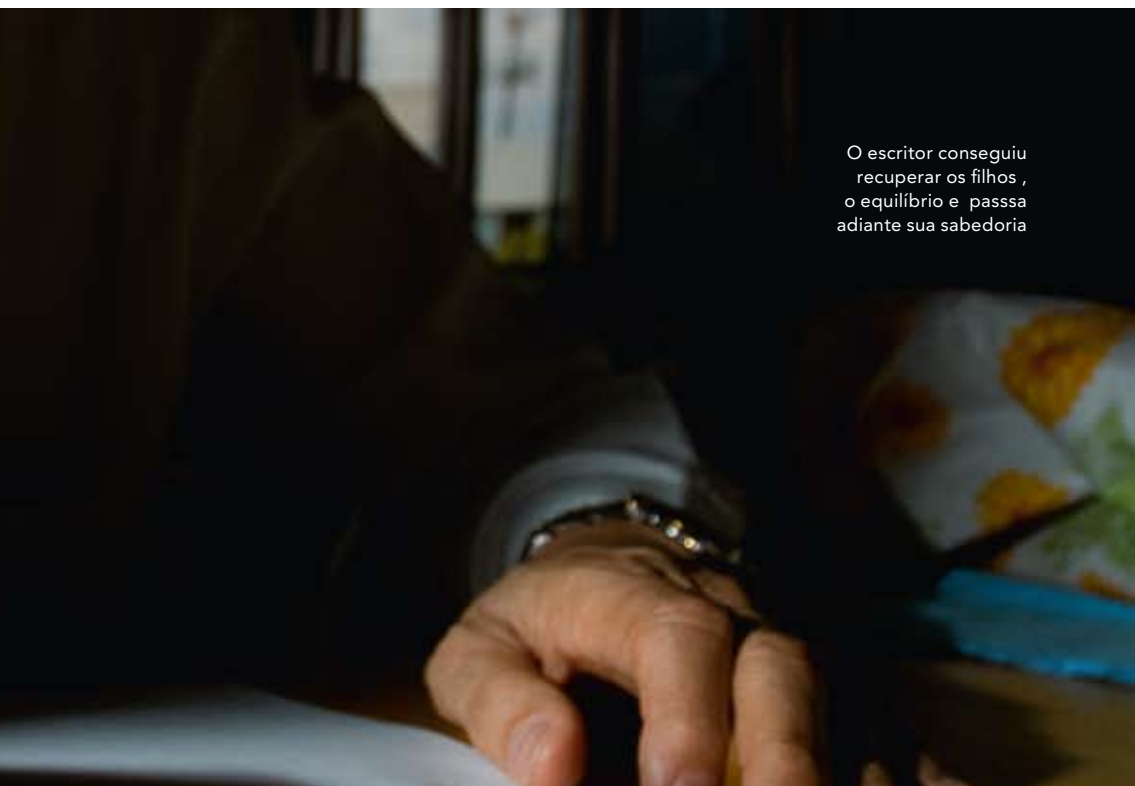
e não se dão conta do quanto estão avançando no consumo e no vício”.

A *comerciária aposentada*, mãe de dois filhos, explica que quando o marido bebe fica isolado. “Faço de conta que sou uma viúva com o marido dentro de casa. Solidão a dois é pior. Você tem um marido, mas não pode contar com ele.” A *servidora pública*, viúva há 11 anos, entende dessa solidão. Achava que seria “a tábua de salvação” e que o casamento iria livrar o seu noivo do vício, mas o motorista de ônibus com quem foi casada 19 anos morreu em 1997 de câncer no fígado e a deixou com duas filhas adolescentes. Admite que a crença na salvação do noivo foi um “mero engano”, porque ela também estava com auto-estima muito baixa. As duas vêm nos grupos de apoio uma fortaleza. A sobriedade do alcoólico, a separação ou mesmo a morte

não soluciona todos os problemas. Os efeitos do alcoolismo tendem a persistir até que os familiares busquem a própria recuperação.

PORTAS ABERTAS

Quando o escritor chegou ao Al-Anon há 19 anos, achou que não ia se identificar com o programa, por ser uma terapia espiritual. “Eu era extremamente materialista, mentalidade muito pragmática, tinha me esquecido um pouco do Poder Superior. E quando as pessoas se esquecem dele, perdem um pouco do seu humanismo. Consegui recuperar minha espiritualidade, sou uma pessoa muito mais serena e corajosa.” Conseguiu superar a fase de auto-piedade. “Cheguei a me sentir um coitadinho. No grupo, vi que não precisava sentir pena de mim, não fui eu quem criou a dependência e não irei eliminá-la, pois pode



O escritor conseguiu
recuperar os filhos,
o equilíbrio e passa
adiante sua sabedoria

ser inclusive de origem genética, biológica ou psíquica. Encontrei pessoas com problemas iguais e com as quais eu podia me abrir, ali havia um perfeito anonimato.”

Mesmo com os filhos recuperados do vício e ele mesmo tendo alcançado o equilíbrio que procurava, não deixa de freqüentar as reuniões. “Como encontrei pessoas que me ajudaram quando cheguei desesperado, acho que devo continuar participando para manter as portas abertas e receber outras pessoas”, afirma. Autor de mais de 30 publicações, irá lançar três volumes sobre drogas e dependência, resultado de apenas dois anos de trabalho. “Quando você domina a matéria por experiência própria, sofreu e depois teve a felicidade de ter superado os problemas, é fácil escrever a respeito.”

É considerado o intelectual do grupo.

Advogado há mais de 40 anos foi assessor de parlamentar e da Assembléia Nacional Constituinte, consultor jurídico e legislativo, professor universitário. Mesmo aposentado, não pára e está escrevendo um romance que tem como pano de fundo as drogas. Aos risos, justifica-se. “Quem não tem projeto de vida já envelheceu, está pronto para morrer e eu quero viver muitos anos, se Deus quiser. Acho que a humanidade me deu muito e eu também tenho que retribuir um pouco disso.” O escritor faz questão de compartilhar a sabedoria que ganhou. É uma forma de ajudar outras famílias com os mesmos problemas que ele enfrenta há duas décadas.

Por Fernanda Carneiro

Fotos Pedro Ladeira



e não se dão conta do quanto estão avançando no consumo e no vício”.

A *comerciária aposentada*, mãe de dois filhos, explica que quando o marido bebe fica isolado. “Faço de conta que sou uma viúva com o marido dentro de casa. Solidão a dois é pior. Você tem um marido, mas não pode contar com ele.” A *servidora pública*, viúva há 11 anos, entende dessa solidão. Achava que seria “a tábua de salvação” e que o casamento iria livrar o seu noivo do vício, mas o motorista de ônibus com quem foi casada 19 anos morreu em 1997 de câncer no fígado e a deixou com duas filhas adolescentes. Admite que a crença na salvação do noivo foi um “mero engano”, porque ela também estava com auto-estima muito baixa. As duas vêm nos grupos de apoio uma fortaleza. A sobriedade do alcoólico, a separação ou mesmo a morte

não soluciona todos os problemas. Os efeitos do alcoolismo tendem a persistir até que os familiares busquem a própria recuperação.

PORTAS ABERTAS

Quando o escritor chegou ao Al-Anon há 19 anos, achou que não ia se identificar com o programa, por ser uma terapia espiritual. “Eu era extremamente materialista, mentalidade muito pragmática, tinha me esquecido um pouco do Poder Superior. E quando as pessoas se esquecem dele, perdem um pouco do seu humanismo. Consegui recuperar minha espiritualidade, sou uma pessoa muito mais serena e corajosa.” Conseguiu superar a fase de auto-piedade. “Cheguei a me sentir um coitadinho. No grupo, vi que não precisava sentir pena de mim, não fui eu quem criou a dependência e não irei eliminá-la, pois pode



O escritor conseguiu
recuperar os filhos ,
o equilíbrio e passa
adiante sua sabedoria

ser inclusive de origem genética, biológica ou psíquica. Encontrei pessoas com problemas iguais e com as quais eu podia me abrir, ali havia um perfeito anonimato.”

Mesmo com os filhos recuperados do vício e ele mesmo tendo alcançado o equilíbrio que procurava, não deixa de freqüentar as reuniões. “Como encontrei pessoas que me ajudaram quando cheguei desesperado, acho que devo continuar participando para manter as portas abertas e receber outras pessoas”, afirma. Autor de mais de 30 publicações, irá lançar três volumes sobre drogas e dependência, resultado de apenas dois anos de trabalho. “Quando você domina a matéria por experiência própria, sofreu e depois teve a felicidade de ter superado os problemas, é fácil escrever a respeito.”

É considerado o intelectual do grupo.

Advogado há mais de 40 anos foi assessor de parlamentar e da Assembléia Nacional Constituinte, consultor jurídico e legislativo, professor universitário. Mesmo aposentado, não pára e está escrevendo um romance que tem como pano de fundo as drogas. Aos risos, justifica-se. “Quem não tem projeto de vida já envelheceu, está pronto para morrer e eu quero viver muitos anos, se Deus quiser. Acho que a humanidade me deu muito e eu também tenho que retribuir um pouco disso.” O escritor faz questão de compartilhar a sabedoria que ganhou. É uma forma de ajudar outras famílias com os mesmos problemas que ele enfrenta há duas décadas.

Por Fernanda Carneiro

Fotos Pedro Ladeira



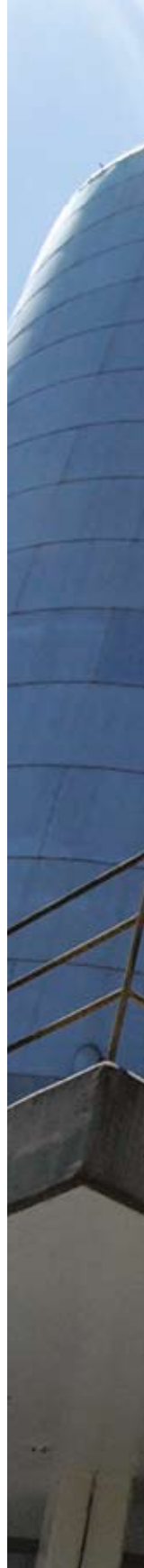


LOCALIZADA NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, A 45 QUILOMETROS DA CAPITAL MINEIRA, JUATUBA, 20 MIL HABITANTES, VIU SEU NASCIMENTO ACONTECER, EM 1992, GRAÇAS A UMA GIGANTE INSTALADA NA CIDADE. COM UM NOME DE ORIGEM INDÍGENA QUE QUER DIZER SÍTIO DOS JUÁS, FRUTA COLHIDA DO ESPINHO, E 97 QUILOMETROS QUADRADOS, O EQUIVALENTE A 20 MIL CAMPOS DE FUTEBOL, A CIDADE TEM HOJE 70% DE SEU IMPOSTO SOBRE CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS E SERVIÇOS (ICMS) DIRETAMENTE VINCULADA À COMPANHIA BRASILEIRA DE BEBIBAS (AMBEV), QUE PERTENCE À MULTINACIONAL BELGO-BRASILEIRO INBEV, E COM QUEM OS SEUS MORADORES TÊM UMA RELAÇÃO DE EXTREMA DEPENDÊNCIA FINANCEIRA.

Estrategicamente plantada ao lado da MG 050, rodovia que corta Juatuba ao meio, a fábrica trabalha 24 horas por dia expelindo fumaça limpa de suas torres, que podem ser vistas do centro da cidade, a cerca de mil metros, para abastecer dezenas de carretas com as cervejas Brahma, Skol, Antarctica e os refrigerantes Pepsi, Sukita e guaraná Antarctica. A direção da fábrica não informa a sua produção total, mas números da prefeitura mostram claramente a dependência do município das atividades da Ambev, apesar da existência de outras 40 empresas que geram impostos e lucro para a região, entre elas a Daytec e a Dayco, responsáveis pela fabricação de peças para montadoras de automóveis, e a Hertape Calier, laboratório de vacina animal.

De acordo com a Consultoria Carvalho S/C, responsável pela análise e acompanhamento financeiro da prefeitura de Juatuba, o orçamento municipal de 2008 é da ordem de R\$ 38 milhões. O Imposto Sobre Circulação de Mercadorias (ICMS), responde por quase metade deste valor, R\$ 18.200 mil, dos quais, 70 por cento, ou R\$ 12.740 mil, provenientes dos recolhimentos da Ambev. “Se o município perdesse a fábrica seria um desastre total do ponto de vista financeiro”, afirma o advogado da consultoria, Helênio de Carvalho.

A dependência da Ambev é tão grande em Juatuba que na campanha da última eleição municipal, realizada em outubro, a oposição à administração do então PMDB de Pedro Magesty causou comoção ao disseminar o boato de que a fábrica seria transferida para a cidade de Sete Lagoas, também próxima a Belo Horizonte. As coisas se acalmaram quando a própria fábrica negou a mudança. É antiga, aliás, a dependência de Juatuba à fábrica de cerveja e refrigerantes. Os mo-



Das torres da Ambev
saem cerveja,
refrigerante e dinheiro
para o município



radores da cidade atribuem à ela e a seus impostos o sucesso da iniciativa para emancipação do município, antes ligada à cidade de Mateus Leme, em 1992. Só que na época a fábrica era da Brahma, depois incorporada à Ambev, juntamente com a Skol e a Antarctica. “Quando Juatuba se emancipou, a Brahma era a galinha dos ovos de ouro da cidade”, lembra a assessora da secretaria de educação municipal e também professora, Andréia Cristina Martins. Hoje essa galinha é a Ambev, considerando que, além de impostos, a fábrica garante cerca de 650 empregos diretos, a maioria para moradores do município, além de empregos indiretos por conta de fornecedores de bens e serviços, como água, energia elétrica e transporte de mercadorias. A fábrica, que ocupa um terreno de 445 mil metros quadrados, não pára. As trocas de turnos acontecem as 7h da manhã, três da tarde e 11 da noite. O horário, porém, varia para gerentes e supervisores. Além da movimentação de pessoas nos horários de entrada e saída de turnos, durante todo o dia os portões são apinhados de caminhões cheios de caixas coloridas com as logos das três mais conhecidas cervejas da Ambev no Brasil: Skol, Brahma e Antarctica, que saem dali para os principais pontos de distribuição, em Minas Gerais e no Espírito Santo.

RELAÇÃO DISTANTE

Apesar de toda essa dependência e proximidade física, as relações do pequeno muni-

cípio de Juatuba com a multinacional Ambev são estritamente profissionais, distantes e impessoais, afirmam os moradores da cidade. Tome-se o caso dos empregados juatubenses. A maioria é de contratados por empresa de terceirização, com sede em outras cidades. Nem a direção da Ambev em Juatuba, nem a assessoria de comunicação da empresa, em São Paulo, fornecem dados sobre a distribuição de terceirizados do município dentro da fábrica, mas moradores da cidade garantem que a quase totalidade do quadro de gerência e supervisão é de outras cidades como Belo Horizonte, Betim e Itaúna. Além disso, a cidade não possui um centro que reúna os currículos dos candidatos a um emprego na fábrica. Os interessados devem procurar postos em outras cidades maiores, como Betim e Itaúna. Os trabalhadores terceirizados da Ambev também não gostam de falar. Dizem em Juatuba que é porque têm medo de perder o emprego. Os trabalhadores da fábrica não são filiados a sindicatos nos quais possam se apoiar para reivindicações, inclusive por melhores salários. Os moradores atribuem essa lacuna à ainda recente solidificação da cidade. Há outra queixa dos moradores. Nos bares e restaurantes de Juatuba, ao lado da fábrica, o preço de uma cerveja qualquer da Ambev costuma ser maior do que em Belo Horizonte. A explicação é simples. Quando a Brahma passou a fazer parte da Ambev, a empresa

terceirizou os serviços de distribuição, como estratégia comercial. “Os donos de bares da cidade precisam ir comprar cerveja na distribuidora, em Divinópolis, a 70 quilômetros daqui”, afirma Elimar Antônio Pio, dono de um bar no centro da cidade, ele mesmo um ex-funcionário terceirizado da Ambev. Elimar conta que consegue comprar uma caixa de cerveja Skol a R\$35,70 em Belo Horizonte, mas paga R\$49,95 se quiser receber em Juatuba. Na capital, a caixa de Brahma sai a R\$34,40 e, no município, R\$48,50. Nos rótulos das cervejas e refrigerantes consumidos em Juatuba a cidade de origem do produto costuma variar, quando, na verdade, a população queria encontrar rótulos da fábrica ao lado. Alguns donos de bares atribuem o fechamento de alguns estabelecimentos ao alto preço das cervejas e a dificuldade de comprar nas distribuidoras em outras cidades e levar até Juatuba. A falta de comunicação direta com a fábrica é uma das reclamações mais constantes entre os comerciantes locais. É o caso de Pedro Batista de Oliveira Filho, dono da choppeteria e pizzaria Barão, que fica a dez minutos de caminhada até o portão da Ambev. Ele diz que já cansou de tentar uma aproximação com a empresa para realizar suas compras. “Eles não atendem ao comerciante. É impossível qualquer um entrar lá dentro para falar com alguém. O lugar é totalmente fechado e lacrado”. A decepção foi tanta

que Pedro desistiu dos equipamentos emprestados pela fábrica, como geladeiras e freezers, comprou os próprios e passou a buscar, ele mesmo, modos de otimizar as compras de produtos em outras localidades, como em Belo Horizonte. A queixa dos comerciantes resulta do fato que a relação nem sempre foi assim. Os moradores mais antigos da cidade contam que, durante a época que a fábrica era apenas da Brahma, todos podiam fazer suas compras diretamente na unidade, os moradores tinham a oportunidade de entrar em suas dependências nos finais de semana e, além disso, também podiam consumir os produtos na própria fábrica. “A relação com a comunidade era especial e havia um compromisso, mas hoje o pessoal da direção mal conhece a comunidade”, lembra Pedro Batista. A assessoria da empresa, porém, aponta que, sempre que possível, a fábrica tenta empreender ações que permitam o contato com a comunidade local, como a visita de alunos da cidade às suas dependências e ações de conscientização ambiental. No entanto, para os moradores, essa participação ainda é considerada tímida. Para os motoristas que vão até a fábrica abastecer seus caminhões com cerveja e refrigerante a situação não é diferente. Eles também não querem se identificar, mas contam que, muitas vezes cansados e com fome, só podem utilizar a lanchonete da

empresa durante o tempo que estiverem enchendo as caixas, dentro da fábrica. Enquanto aguardam ao lado de fora, são fregueses da quituteira Elza Maria Mendonça, que, com sua mini-barraquinha improvisada, vende café-da-manhã e lanches para o pessoal. Segundo ela, a proximidade não é bem vista pela fábrica. “Eles já tentaram me tirar daqui várias vezes, mas como estou do lado de fora, não podem me obrigar a sair”, conta Elza. Um episódio relativo ao meio ambiente mostra o distanciamento da Ambev do município onde se localiza. Desde janeiro de 2008 a empresa está pagando uma multa referente ao termo de ajustamento de conduta, aplicado em 2007 pela promotoria do município vizinho de Mateus Leme, por conta da mortandade de peixes ocorrida no ribeirão Serra Azul, em 13 de julho deste ano, atribuída ao funcionamento da empresa. A fábrica foi autuada por causar degradação ambiental no ribeirão que passa por Juatuba e por Mateus Leme.

“Eles não atendem ao
comerciante. É impossível
qualquer um entrar
lá dentro para falar
com alguém. O lugar
é totalmente fechado
e lacrado”

Pedro Batista de Oliveira Filho

Ao lado, a fábrica, com 445 mil m²
e, abaixo, um dos bares da cidade,
com cervejas de outros estados





Apesar do impacto acontecer dentro do próprio município de Juatuba, até setembro deste ano, quando a Ambev já pagava a nona das 12 parcelas da multa, a Secretaria de Meio Ambiente do município desconhecia o processo. Além do pagamento da multa de R\$ 50 mil, destinado à Organização não Governamental (ONG) Associação Amigos da Serra do Elefante, com sede em Mateus Leme, o acordo previsto no termo de ajustamento de conduta obriga a Ambev a destinar espaço em sua fábrica para atividades sócio-culturais da comunidade, o desenvolvimento de projeto de educação ambiental junto às escolas públicas e a realização da feira anual do Meio Ambiente. Também, a interação com as crianças do município, visando a disseminar conhecimentos na área do desenvolvimento sustentável e o desenvol-

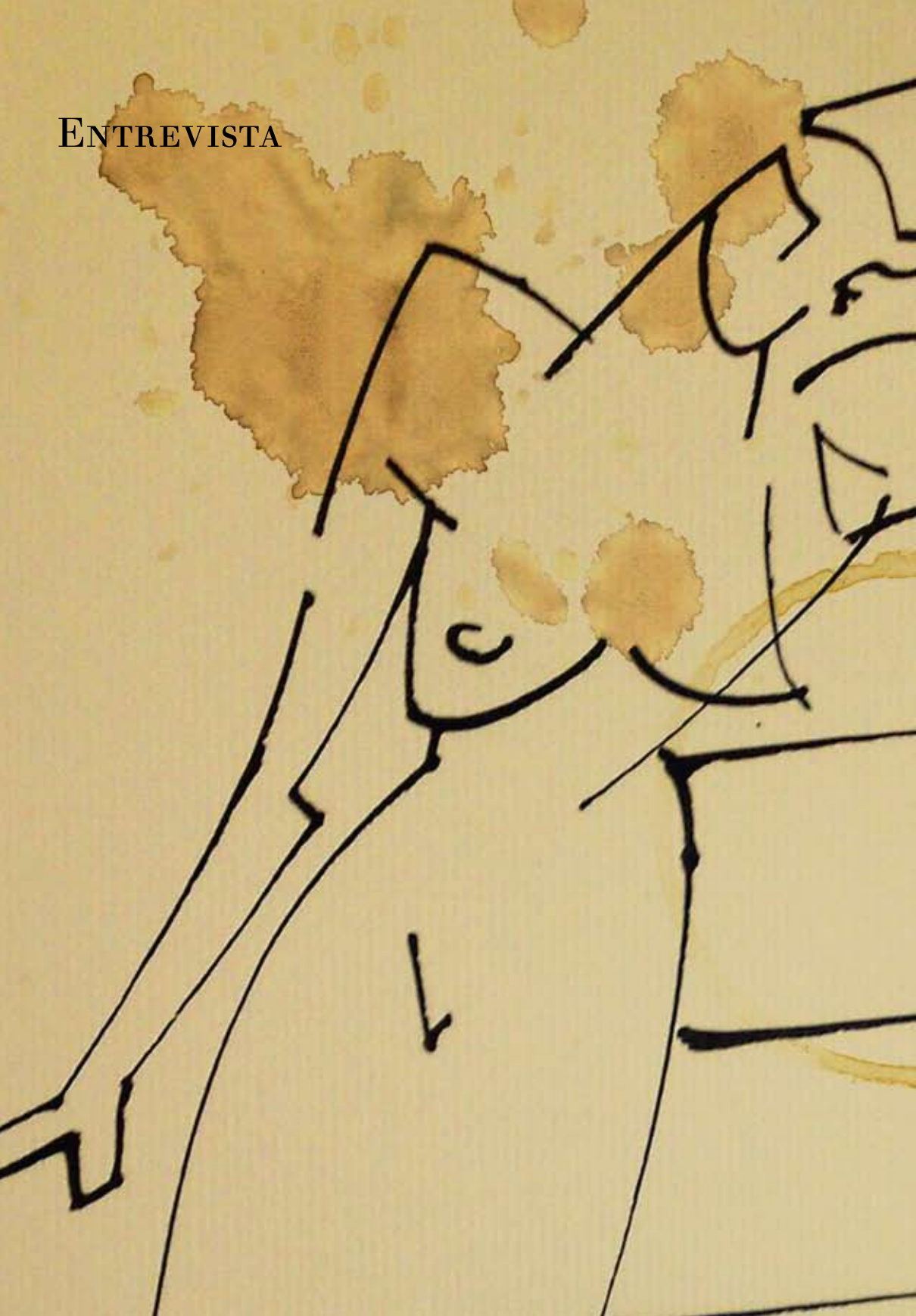
vimento de um programa anual de mobilização da sociedade, englobando termos relacionados ao Meio Ambiente, todos realizados no município de Juatuba.

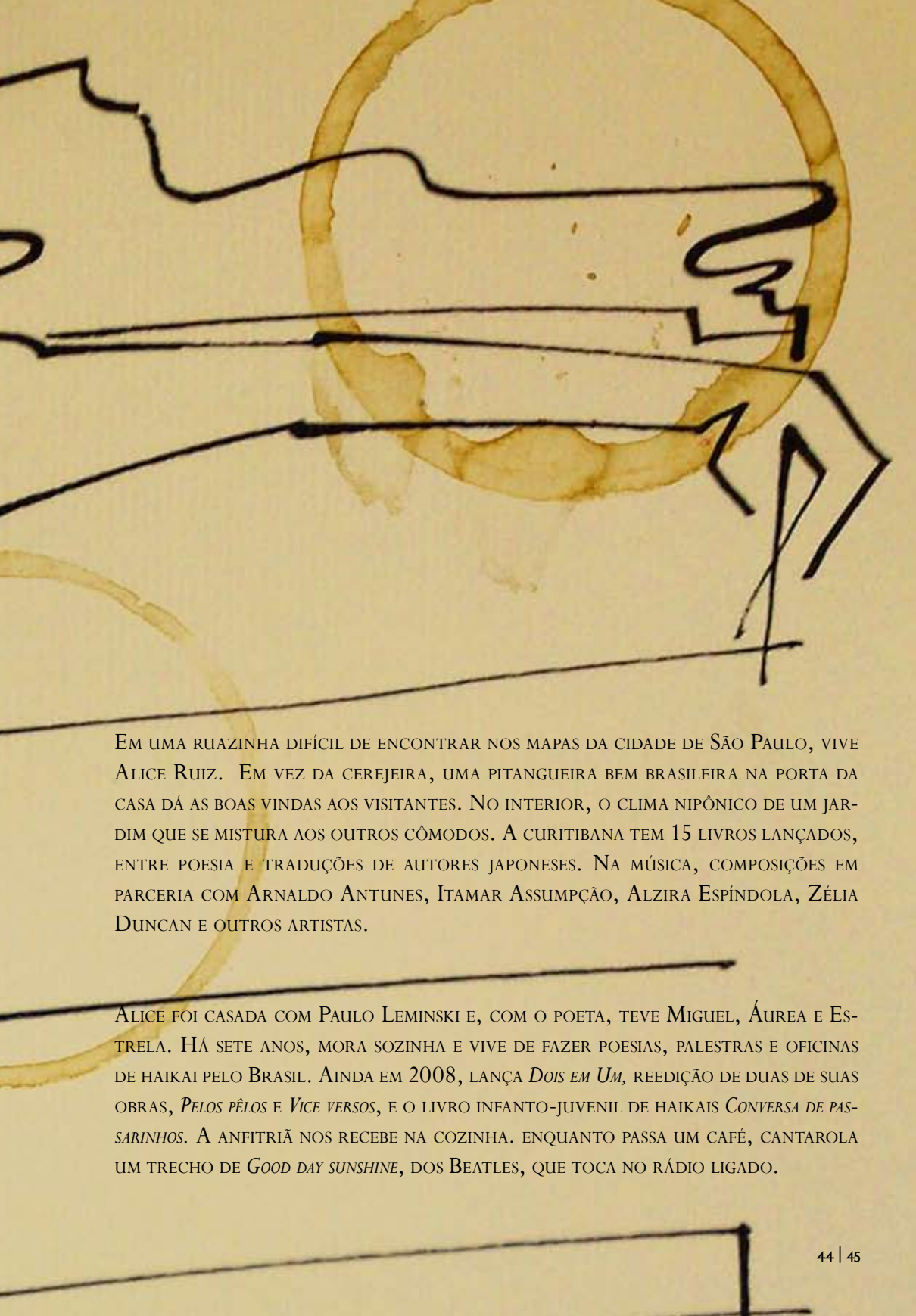
As atividades, porém, são muito vagas para a população e para a própria prefeitura, que, até setembro deste ano, desconhecia seus motivos. Apesar das queixas, a relação é necessária. A movimentação promovida pela empresa permite notoriedade e renda para a cidade, chamando a atenção de novas empresas e movimentando o lado financeiro de Juatuba. 

Por Dayene Peixoto

Fotos Janine Moraes

ENTREVISTA





EM UMA RUAZINHA DIFÍCIL DE ENCONTRAR NOS MAPAS DA CIDADE DE SÃO PAULO, VIVE ALICE RUIZ. EM VEZ DA CEREJEIRA, UMA PITANGUEIRA BEM BRASILEIRA NA PORTA DA CASA DÁ AS BOAS VINDAS AOS VISITANTES. NO INTERIOR, O CLIMA NIPÔNICO DE UM JARDIM QUE SE MISTURA AOS OUTROS CÔMODOS. A CURITIBANA TEM 15 LIVROS LANÇADOS, ENTRE POESIA E TRADUÇÕES DE AUTORES JAPONESES. NA MÚSICA, COMPOSIÇÕES EM PARCERIA COM ARNALDO ANTUNES, ITAMAR ASSUMPÇÃO, ALZIRA ESPÍNDOLA, ZÉLIA DUNCAN E OUTROS ARTISTAS.

ALICE FOI CASADA COM PAULO LEMINSKI E, COM O POETA, TEVE MIGUEL, ÁUREA E ESTRELA. HÁ SETE ANOS, MORA SOZINHA E VIVE DE FAZER POESIAS, PALESTRAS E OFICINAS DE HAIKAI PELO BRASIL. AINDA EM 2008, LANÇA *DOIS EM UM*, REEDIÇÃO DE DUAS DE SUAS OBRAS, *PELOS PÊLOS* E *VICE VERSOS*, E O LIVRO INFANTO-JUVENIL DE HAIKAIS *CONVERSA DE PASSARINHOS*. A ANFITRIÃ NOS RECEBE NA COZINHA. ENQUANTO PASSA UM CAFÉ, CANTAROLA UM TRECHO DE *GOOD DAY SUNSHINE*, DOS BEATLES, QUE TOCA NO RÁDIO LIGADO.

Você começou a escrever com nove anos, fazendo contos?

Na verdade, foi uma primeira tentativa. Lembro que foi nessa idade mas eu não continuei, tanto que eu não escrevo contos. Os poeminhos começaram a pintar na adolescência, como todo mundo.

E não mostrava para ninguém?

Eu era poeta de gaveta, também como um monte de gente. Conheci os concretos quando tinha 23 anos, e sempre que eles iam a Curitiba dar palestras, principalmente o Décio (Pignatari), iam lá para a minha casa. Comecei a criar coragem e mostrar para ele, que separou alguns, trouxe para São Paulo e passou a dar suas aulas de literatura usando meus poemas. Ele também publicou vários em um número de uma revista da época chamada *Através*, que era basicamente de poesias. Isso me deu um pouco mais de confiança, porque não era qualquer um, era o Décio Pignatari. Aí eu comecei a mostrar.

Você percebe diferença nos haikais

Eu alguns casos. Tem um haikai que é *Se esse menino fosse meu / não iria com você / nessa manhã de neve*. É uma coisa das mulheres, porque cuidar das crianças, na época, era um trabalho só da mulher. Tem umas associações bem interessantes. Aquelas mangas compridas do quimono, os sodê, são para enxugar lágrimas. Para o homem, sodê não tem significado, então ele não vai usar isso em um haikai. A mulher não precisa falar que estava triste, basta falar que enxugou o rosto na manga do quimono. São sutilezas que ressaltam o universo feminino.

feitos por homens ou por mulheres, mesmo com o conteúdo impessoal?

Como você chegou aos haikais?

Eu não sabia que fazia haikais, o Paulo que me disse. São poemas curtinhos, é uma das poucas coisas autenticamente japonesas, porque boa parte da cultura japonesa é herdada da china, até a escrita. Mas o haikai é japonês mesmo, não é chinês. É sempre sobre a natureza, nunca sobre abstrações, subjetividades, coisas materiais, concretas.



Mas, pelo exemplo que você deu, podemos dizer que o eu-lírico aparece, de certa forma?

A sensibilidade acaba aparecendo. Mas mesmo nesses haikais que são mais pessoais, o *eu* não é a coisa mais importante. Qualquer pessoa pode se identificar, não é nada pessoal de quem está falando. Sou *eu*, mas é o que há de universal em mim que está falando. É bem diferente de um desabafo pessoal.

apaixoquase apaixotudo apaixonada



“O haikai vem da natureza. A letra de música e a poesia vêm da natureza humana.”

Você trabalha com três tipos de literatura: a ocidental, o haikai e as letras de música. Como é trabalhar cada uma?

É bem diferente. Primeiro porque no haikai não tem subjetividade. É um estado muito especial, de abrir mão de você e ser um mero fotógrafo da natureza, só que em palavras. Eu costumo dizer que quando um haikai me acontece é como se fosse uma bênção, eu sinto que estou no estado certo. Na poesia ocidental entra a lírica, entra o *eu*. Mas ela tem uma estética diferente da letra, porque enquanto o papel não pede rima, por exemplo, ou métrica, a letra de música pede rima e métrica, e uma coloquialidade. São momentos diferentes, estados e técnicas diferentes.

De onde vem a inspiração para fazer tanta poesia?

Bom, o haikai vem da natureza. A letra de música e a poesia vêm da natureza humana. Minhas principais fontes de inspiração são essas. Eu me importo, me interesso pelo que move as pessoas, o pensamento e o sentimento delas.

Como você começou a escrever letras de músicas?

Na adolescência. Minha geração coincide com o boom do rock. Mas o rock ainda era basicamente americano, chegava em inglês, e brincava de traduzir. Quando meu inglês não dava conta eu inventava, mas dentro da métrica, da melodia. Eu já estava exercitando a letrista e nem sabia, não tinha consciência. Era um prazer. A palavra sempre me deu muito prazer. O Ivo Rodrigues, compositor da banda Chave, de Curitiba, musicou duas letras minhas no início dos anos 1970. Mas só em 1983, é que eu virei letrista pra valer, com o Itamar Assumpção.

Como começou essa parceria com Itamar Assumpção?

Eu dei a ele meu primeiro livro, o *Navalhaneliga*, e ele fez uma música em cima. Depois, quando ele voltou a Curitiba, eu dei o *Paixão Xama Paixão*, que tinha acabado de sair, ele também musicou alguns poemas. Enquanto a gente vai conversando, eu tento sintetizar a idéia que a gente tá trocando. E quando eu chegava nesse momento o Itamar dizia “muito bom, continua nessa!”. Ele pegava um violão, achava uma linha melódica para o que eu tinha dito, e eu ia desenvolvendo o resto da letra. A *Abobrinhas Não* a gente fez morrendo de dar risada, porque era uma brincadeira de procurar rimas... E foram 20 anos de parceria, de 1983 até a morte dele, em 2003.

E com os outros compositores?

Foi acontecendo naturalmente. Eu já era amiga do Arnaldo (Antunes). Ele mora superperto daqui, e a gente trabalhava junto.

Quando eu fiz *Socorro*, achei que era a cara dele e mostrei sem pretensões. Ele falou “ah, eu quero!”, e colocou música imediatamente. Isso foi em 1986, e a gente passou a trabalhar muito. Tudo saía de uma conversa. Acho que tinha uma coisa mágica ali, de estímulo mútuo de criatividade, porque era só começar a conversar que acontecia a música. Foi a pessoa com quem eu mais fiz isso. Com a Alzira Espíndola foi assim também. Com ela são muito anos de amizade. Os demais eu entrego a letra e eles colocam a música.

Os seus livros têm um trabalho visual muito bem elaborado. Como ele é feito?

O *Navalhaneliga* foi editado por amigos que tinham um estúdio

fotográfico e me deram de presente. Naquele tempo, nas gráficas, o trabalho era bem artesanal, tão artesanal quanto tipográfico. E eles fizeram um trabalho de ampliação fotográfica dos poemas. *O que é a que é* foi o Reynaldo Jardim que criou o caracol. O *Rimagens* foi intencional, foi uma parceria com a Leila (Pugnaroni), e foi concebido daquele jeito. Ela achou que a minha poesia tinha a ver com o trabalho dela, e deixou alguns desenhos comigo. E foi muito louco o jeito que o livro nasceu, porque eu li a proposta, achei que tinha a ver, mas não sabia o que fazer. Passados alguns dias eu estava vestindo a minha filha, a Estrela, que na época tinha uns quatro anos, e dei uma puxada nela e falei “Eu não sou apaixonada por você, sou apaixoque, apaixonado, apaixonada não!”. Pensei, “nossa, lembra um dos desenhos que a Leila deixou”. Aí procurei alguns haikais e juntei com outros desenhos. Encontrei com ela e perguntei se ela achava que tinha a ver. Esse livro tinha que ser mesmo, tudo nele aconteceu assim.

Você foi publicitária por mais de 20



anos. O trabalho era só pelo sustento?

Felizmente eu gostava. Mas é claro que prefiro viver de poesia como eu vivo hoje. Eu fui bem premiada como publicitária, até que me saí bem, porém você está vendendo a idéia do outro, e nem sempre concorda com ela. Mas como o meu trabalho era com a palavra, com criação, eu curti.

Você era de uma geração de rock, contracultura, tropicália, e trabalhar com publicidade é uma coisa contraditória...

Fazer o que, né. A única coisa que eu levo jeito é escrever. Eu tinha que trabalhar. Tinha e queria, porque eu nunca quis ser dependente. São escolhas que se faz. Eu podia ter deixado as contas ao encargo do Paulo e ter ficado só cuidando da casa e da poesia, mas achei que não devia. E o preço foi ser publicitária.

Algum dos tipos de poesia que você faz dá mais prazer?

A quantidade de prazer é a mesma. O haikai, quando acontece, é sinal de que eu estou sendo, naquele momento, um bom instrumento de haikai. A letra de música não é uma troca de consciência intensa, uma cumplicidade parecida com o casamento, mas sem a chatice, o romance e o sexo. E o poema... Freud dizia que *o humor é a vitória do ego sobre o princípio da realidade*. Eu acho que o poema é a vitória do ego sobre o princípio da realidade. Quando ele nasce, digamos que ele venha de uma falta. Segundo Borges, a gente só cria porque tem uma falta, e isso faz sentido para mim. Quando você consegue produzir um objeto estético a partir dessa falta, você deu de dez a zero nela.

Em algum momento da sua vida você esteve menos inspirada para criar?

Tem os dois momentos. Antigamente, na fase das vacas magras; eu ficava preocupada. Depois me dei conta de que a inspiração sempre voltava. Quando eu fico muito tempo sem criar, não me sinto feliz. Mas agora sei que isso é um tempo interno de maturação, de transformação interior necessário para a nova safra.

O tempo mudou a sua forma de criar?

Acho que tudo interfere. A primeira coisa que eu assumi foi a poeta, em papel. Depois assumi a haikaista e a letrista. Mas tanto a haikaista quanto a letrista interferiram na poeta. Acho que ao longo dos anos a minha poesia foi ficando mais sintética e com menos *eu* por causa do haikai, e a letra de música acabou deixando a minha poesia mais coloquial. 

Por Ana Elisa Santana
Fotos Andressa Anholete

JO

AGORA, COMEÇO A ME CONFUNDIR,
SE, DE FATO, VIVO O QUE SONHO,
SE É VERO O QUE IMAGINO,
TEMO JÁ NEM ESTAR POR AQUI.

*E SE ATÉ BEM POUCO TUDO ERA CERTO,
A VIDA, INFINITA; OS ANJOS, POR PERTO;
EIS-ME, AGORA, FEITO PÓ, INSEGURO.
ECCE HOMO, EM SUA CONDIÇÃO PURA.*

LUIZ MARTINS DA SILVA



mais **acessível.**

novo Portal UnB

O Portal UnB está cheio de novidades. Agora, é mais fácil encontrar o que você procura. Com ferramentas atualizadas, o portal coloca à sua disposição mais informação e acessibilidade.

